

MATRIOSKA – de Fernanda Gama

segunda versão – setembro de 2019

Textos e ações alinhados à esquerda acontecem na coxia, às vistas do público.

Textos e indicações alinhados à direita acontecem na peça apresentada, portanto em off. Podem ser gravados, projetados ou falados pelos atores das coxias.

Textos centralizados são monólogos internos das personagens. Podem ser projetados, gravados ou falados pelos atores, desde que nunca pareça serem de fato falados para alguém.

O cenário é um dos lados da coxia de um teatro - podemos imaginar, do outro lado, mais dez jovens nervosos com a apresentação. Bancadas com espelhos e luzes, adereços, araras de roupas. À direita, o palco, que nunca aparece. À esquerda os banheiros e um acesso para o outro lado da coxia. Os figurinos são da montagem de “A Gaivota”, e bom gosto não é o forte do diretor.

Primeiro sinal.

LAURA – Ele não vai vir mesmo?

GIOVANA – Não.

OLGA – Que, como assim ele não vem?

GIOVANA – Não vem.

JOÃO – Eu não consigo, não vou conseguir, sério.

EMMA – Não vem, gente, ele não vai vir.

VITOR – Vai, mano.

OLGA – Como assim?

LAURA – Ele não pode não vir.

JOÃO – Eu não ensaiei esse papel.

EMMA – Claro que pode. Tanto ele pode que ele não vem.

VITOR – É só entrar e falar o texto.

LAURA – Não acredito que ele vai fazer isso com a gente.

GIOVANA – Para, Laura, você sabe o que ele tá passando.

JOÃO – Não sei fazer.

VITOR – Cala a boca, é só ir lá e fazer.

LAURA – A peça vai ficar uma merda.

EMMA – Já tava uma merda.

JOÃO – Vamos cancelar.

GIOVANA – A gente sabia que podia rolar isso.

VITOR – Não dá pra cancelar.

LAURA – Mas eu achei que no fim ele vinha.

JOÃO – Vamos cancelar.

GIOVANA – Eu também achei que ele vinha, mas ele não vem.

VITOR – *(dando uns tapas nele, meio de brincadeira)* Larga de ser cuzão, João.

JOÃO – Giovana, liga pra ele!

GIOVANA – Já liguei.

JOÃO – Liga de novo!

GIOVANA – Tô ligando faz mais de uma hora.

JOÃO – Não é possível, cara...

GIOVANA – Eu conheço ele, ele não vem...

JOÃO – Pede pra Marina, pede pra Marina ligar pra ele.

EMMA – A Marina não tá nem falando com ele.

VITOR – Ele não vem por causa da Marina.

OLGA – Não é por causa da Marina.

VITOR – Ah, claro que é.

EMMA – Cala a boca, Vitor.

VITOR – Ah, tá, a Marina dá um fora nele, ele falta na peça, é só coincidência mesmo.

EMMA – *(apontando discretamente)* Cala a boca.

Marina entra pela esquerda. Todos suspendem o assunto. Ela percebe que estavam falando dela. Vai pra um dos espelhos em um canto. Respira fundo.

OLGA – Faz tempo que eles terminaram, ele continuou ensaiando normal.

VITOR – Porque achava que ela ia voltar com ele.

GIOVANA – Nada a ver. Não é por isso.

VITOR – Trouxa demais.

JOÃO – Não consigo, serião. Alguém faz no meu lugar.

VITOR – Velho, sério, eu passo o texto com você antes de cada cena.

JOÃO – Cadê o Marcos? Fala com o Marcos.

VITOR – Agora para de escândalo!

EMMA – Eu faço, quer que eu faça?

VITOR – Cala a boca, é personagem masculino.

EMMA – Foda-se, que diferença isso...

VITOR – *(interrompendo)* Nunca que o professor vai deixar.

EMMA – Eu sei essas falas todas, eu...

VITOR – *(interrompendo)* Mano, não viaja, Emma.

LAURA – Calma, gente...

EMMA – A peça não vai ser como a gente ensaiou de qualquer...

VITOR – *(interrompendo)* Eu vou fazer o papel do Tiago e o João vai fazer o meu.

EMMA – Quem disse?

VITOR – O professor disse, mano, foi ele que disse, que saco!

EMMA – Aff, vai se fuder.

Emma se afasta do grupo.

VITOR – Vai, vai, dá a volta que você entra primeiro pelo outro lado, você entra junto com a Adriana.

Segundo sinal.

JOÃO – *(para Vitor, procurando no texto da peça)* Como era o lance da gaivota?

VITOR – Desencana, entra com o texto na mão. Vai pra lá.

LAURA – *(se aproxima dele)* João, fica calmo. Olha aqui... toma um gole.
(entrega uma garrafa fofa tipo squeeze)

JOÃO – Que é isso?

LAURA – Vai logo.

JOÃO – *(toma um gole e engasga)* Que é isso, Laura?

LAURA – Vodka.

JOÃO – Você trouxe vodka pra peça?

LAURA – Ué. Peça russa. *(ela também bebe um gole)*

GIOVANA – Pára, Laura, e se alguém ver?

JOÃO – *(toma mais um gole)* Cadê a parte lá da gaivota?

VITOR – *(vai dizendo para o outro enquanto procura a página)* “Tema para um conto curto”.

JOÃO – *(repete, tentando memorizar)* “Tema para um conto curto”.

VITOR – “Uma jovem vive desde a infância perto de um lago”

JOÃO – “Uma jovem vive desde a infância perto de um lago.”

VITOR – “Uma moça assim como você”.

JOÃO – “Uma moça assim como você.”

VITOR – “Ela ama o lago, como uma gaivota.”

JOÃO – *(depois de beber mais um gole)* “Ela ama o lago, como uma gaivota”

VITOR – “É feliz e livre, como uma gaivota.”

JOÃO – “É feliz e livre, como uma gaivota.”

Terceiro sinal

Enquanto eles repetem as falas, foco em Marina.

VITOR – “Mas aparece um homem”

JOÃO – “Mas aparece um homem”

VITOR – *(enfim encontrando no texto o trecho que procurava)* “E por pura falta do que fazer, tira a vida dela”

JOÃO – “E por pura falta do que fazer, tira a vida dela”

VITOR – *(aponta no texto)* “Como se ela fosse uma gaivota”.

JOÃO – *(toma mais um gole, devolve a garrafa pra Laura)* “Como se ela fosse uma gaivota”. *(repete, lendo do texto, tentando gravar)* Mas aparece um homem, e por pura falta do que fazer, tira a vida dela, como se ela fosse uma gaivota.

Tema de abertura de Lago dos Cisnes.

Emma, Giovana, Laura e Olga, vestindo tutus de balé e sapatilhas, saem pela direita, cada uma carrega um objeto – cadeiras, bancos, adereços. João sai pela esquerda. Quando as quatro retornam, o espetáculo começa. Todos observam o palco atentos, tensos. Marina está sozinha.

CENA 01

MEDVEDENCO – Por que é que você está sempre de preto?

MACHA – Estou de luto pela minha vida.

MEDVEDENCO – Eu te amo. A saudade me arranca de casa, todo dia eu ando uma légua para chegar aqui e outra pra voltar, e a única coisa que encontro em você é indiferença.

MACHA – Seu amor me comove. Mas não consigo corresponder. Só isso.

LAURA – Olha lá, o pior fora da história.

GIOVANA – Já falei que tomei piores.

OLGA – Ai, sempre isso...

GIOVANA – É sério. Pra mim nunca dá certo.

EMMA – *(ri)* Cala a boca.

LAURA – Exagerada.

GIOVANA – Gente, só nos últimos dois meses, foram cinco crushs que não rolaram. Cinco.

OLGA – E daí? Normal.

GIOVANA – Ah, uma hora podia aparecer alguém pra dar certo, né...

LAURA – Pensa: se você soubesse que ia se apaixonar por vinte pessoas na sua vida toda, e dessas cinco iam dar certo e as outras quinze totalmente errado, você ia querer encontrar as cinco certas logo de cara, uma atrás da outra, pra depois passar o resto da vida só com as quinze erradas? Não é melhor dar uma alternada?

Vitor interrompe, pede silêncio, aponta para o palco. Logo depois entra em cena.

EMMA – Mala! (*pra Giovana*) Você tentou ligar pro Tiago de novo?

GIOVANA – Ainda não.

EMMA – Liga.

GIOVANA – Mande mensagem. Ele ainda nem viu.

OLGA – Liga.

GIOVANA – Uma hora ele responde.

LAURA – Será?

GIOVANA – Espero que sim.

EMMA – (*mais baixo*) Você tá pensando o mesmo que eu, né?

GIOVANA – Claro.

EMMA – É, eu sei.

GIOVANA – Mas não acho que ele faria isso.

LAURA – Mas se ele já fez uma vez...

GIOVANA – Era diferente. Ele tava doente. Desesperado. Não acho que ele faria de novo.

OLGA – Espero que não.

GIOVANA – Depois que ele voltou pra escola, depois do que aconteceu, todo mundo ficou meio evitando ele. Não sei se as pessoas tinham medo, ou se todo mundo se sentia um pouco culpado, pensando se não podia ter feito alguma coisa pra evitar, sei lá. E ele não tava falando com ninguém. No começo nem comigo, mas depois voltou a falar, e a gente ficou bem amigo...

LAURA – Amigo...

GIOVANA – Até ele começar a namorar a Marina. Aí se afastou de mim de novo. De todo mundo. Achei idiota. A gente se conhecia desde o quarto ano... faz uns oito anos. Oito anos! Aí a pessoa simplesmente esquece de você por causa de outra mina que acabou de entrar na escola, que ele acabou de conhecer.

Marina se aproxima da entrada da cena, ficando mais próxima delas. Elas param o assunto subitamente, olham pra ela. Marina obviamente percebe.

Você consegue. Você consegue. É só entrar e falar o texto.

LAURA – *(ainda mais baixo)* Mas se você não gostasse do Tiago, não ia ser um problema.

GIOVANA – Que babaca achar que duas pessoas não podem ser só amigos.

OLGA – Claro que podem.

LAURA – Só não é o seu caso.

GIOVANA – Eu gostava dele antes, a gente era criança. Faz mil anos. Hoje não.

Faz de conta que ele não tá aí.

TREPLEV – Eu não posso viver sem ela, até o barulho dos passos dela me parece maravilhoso.

Marina entra em cena.

TREPLEV – Minha fada, meu sonho.

NINA – Eu passei o dia todo tão nervosa, com tanto medo que meu pai e minha madrasta não me deixassem vir... mas agora estou aqui...

TREPLEV – Estamos sozinhos...

NINA – Meu coração está cheio de você...

(Eles se beijam)

EMMA – Será que ela ouviu?

GIOVANA – Ah, que se dane.

LAURA – Ela é tão linda, né?

EMMA – Ela é.

GIOVANA – Você também é, ué.

LAURA – Só quando ela não tá perto.

OLGA – *(ri)* Que idiota.

LAURA – Gente, ela nem precisa de filtro nas fotos, ela já nasceu com filtro na vida real.

EMMA – Por isso que ela é a principal, e a gente troca o cenário.

GIOVANA – Com uma roupa ridícula.

LAURA – Por outros motivos também, né...

OLGA – Deixa ela.

LAURA – Deixo. Eu sempre achei a Marina gente boa, real.

GIOVANA – Não tenho nada contra.

EMMA – É muito foda isso que tá rolando.

OLGA – É que ninguém conhece ela direito, e aí fica julgando.

EMMA – Ela mal entrou na escola e já começou a namorar o Tiago, e aí os dois só falavam um com o outro. E agora essa história dela com o Eduardo.

OLGA – Será que é verdade isso?

GIOVANA – O que? Do Eduardo? Certeza.

OLGA – A outra parte?

LAURA – Não sei. É o que dizem.

OLGA – Se for verdade, ela tá tão fudida.

EMMA – É. Se for verdade, ela tá.

OLGA – E ele?

EMMA – Que tem?

OLGA – Que será que vai acontecer com ele?

EMMA – Nada, ué. Nunca acontece nada com eles. Eles sempre saem numa boa, como se nunca tivessem feito nada.

LAURA – Se vocês pudessem escolher a peça de hoje, como ia ser?

Ela começa a gravar vídeos com o celular das respostas das outras.

OLGA – Ah, não sei... talvez algum livro que eu li.

GIOVANA – Algum livro bem velho escrito em 1800 que ninguém nunca leu.

EMMA – Com umas músicas velhas que ninguém nunca ouviu falar.

LAURA – Porque você é velha até no nome, Olga? Conta pra gente.

OLGA – Ai, me deixa... *(riem)*

LAURA – *(pra tela)* Eu ia fazer um musical. Com dança, com músicas legais, com figurinos incríveis, com números de jazz, e balé moderno, e sapateado. E efeitos especiais. *(as outras se entreolham, rindo)*

OLGA – Com que dinheiro, Laura?

LAURA – *(pra Emma)* E você?

EMMA – Qualquer coisa que eu tivesse falas.

LAURA – Ah, fala sério.

EMMA – Uma peça sobre a gente... com o que a gente pensa da escola, da vida, do governo, dos nossos pais... de tudo...

LAURA – Ia ser legal.

EMMA – Mas eu já dei essa ideia e não aceitaram, então... *(dá de ombros)*

LAURA – *(pra Giovana)* E você?

GIOVANA – Sei lá.

LAURA – Não tem nada que você queria muito?

GIOVANA – Não sei.

EMMA – Nossa, Giovana, fala alguma coisa.

GIOVANA – Não tenho vontade de fazer nada. Sério.

EMMA – Aff, que chata.

TREPLEV – Chega! Abaixem a cortina!

ARCADINA – Mas o que é que ele tem? Todos esses ataques contra mim, ele passa dos limites! Não passa de um moleque vaidoso e caprichoso!

Vitor volta para a coxá, nervoso, ainda na energia explosiva da cena, chuta alguns móveis, bastante agressivo.

VITOR – Mano, que merda, que merda de cena... cadê o Tiago? Ele não vem mesmo?

EMMA – Ele não responde.

VITOR – Liga pra ele de novo, putaquepariu...

GIOVANA – Agora a peça já começou, ele vai entrar no meio?

VITOR – Caralho, caralho, CARALHO!

Vitor sai para o banheiro.

LAURA – Será que tá tão ruim assim?

GIOVANA – Essa peça é horrível. Não sei porque montar essa peça.

LAURA – Porque não tinha opção, ué.

EMMA – “Porque os temas são interessantes”

LAURA – Nunca nem entendi do que que a peça fala.

EMMA – Tem nada pra entender. Não acontece nada na peça. As pessoas ficam sentadas, falando, falando, falando...

GIOVANA – Não tem ação, não tem uma cena mais emocionante.

LAURA – E não tem papel pra gente.

GIOVANA – Nunca tem papel pra todo mundo.

OLGA – Ai, relaxa, os pais e as mães vão aplaudir do mesmo jeito.

EMMA – Só se forem os seus.

GIOVANA – E o professor vai achar uma bosta e xingar todo mundo como sempre.

EMMA – Minha mãe nem vem.

OLGA – E meu pai que nunca vem, mas depois pede foto e bota no Face como se tivesse vindo? “Minha filha linda arrasando no teatro”. Cala a boca, você nem veio! Você NUNCA vem...

LAURA – Que idiota.

EMMA – Minha mãe me odeia. Porque quanto mais eu cresço mais eu mostro pro mundo que ela não tem mais vinte e cinco anos. Ela não aguenta isso.

Passa Marina novamente, após sair de cena. Sempre que ela passa o assunto para, nitidamente. Conseguimos perceber o quanto ela se incomoda com isso.

E agora vai ser sempre isso? Babacas.

Todas olham pra ela mas ela passa reto, e se isola num outro canto.

OLGA – *(muito baixo)* Ela nunca mais vai falar com a gente?

EMMA – Ou a gente que não tá falando com ela...

LAURA – Eu nunca zoei da cara dela, nunca fiz nada...

Só hoje. Vai acabar logo.

EMMA – Mas a escola toda tá fazendo isso.

OLGA – A gente devia chamar ela pra conversar.

LAURA – Pra que?

EMMA – Pra mostrar que a gente tá do lado dela, que a gente entende.

GIOVANA – Sei lá se eu tô do lado dela...

EMMA – Para, Giovana, que trouxá...

Depois não olhar pra cara dessa gente nunca mais.

GIOVANA – Eu não sou obrigada a ser amiga dela depois do que ela fez.

EMMA – Que que ela fez? Nada de errado...

OLGA – Também acho.

GIOVANA – Achei sacanagem com o Tiago, só isso.

Nem ele, nem elas, nem ninguém.

OLGA – A gente nem sabe direito .

LAURA – Ah, sei lá, é só que a gente nunca foi amiga, eu puxava papo com ela nos ensaios, mas ela nada...

OLGA – Na sala ela também não fala muito.

GIOVANA – Porque ela sabe que fez merda...

EMMA – Porque ela tá morrendo de medo, Giovana, do que a gente tá pensando dela, do que a escola inteira tá pensando dela...

OLGA – Será que ela vai querer mudar de escola, ano que vem?

EMMA – Certeza. Vai aguentar até o fim do ano porque são tipo duas semanas... mas ano que vem, tchau...

GIOVANA – Vocês falam como se ela fosse uma santa, né...

EMMA – Tá, e se for verdade, se ela chifrou o Tiago, e daí?

OLGA – Nem acho que foi isso.

GIOVANA – Claro que foi!

EMMA – Mesmo se foi, que que tem a ver? O que tá todo mundo falando... pixando... as mensagens... tudo.

OLGA – É ridículo.

EMMA – Ela vai ficar o resto da vida marcada por uma única coisa que ela fez?

OLGA – Lembra da Pat Boqueteira?

As outras riem.

OLGA – É sério. Um vídeo dela que vazou com o cara... e pronto! Eu lembro que ela tava no primeiro ano quando vazou, e zoaram ela até o terceiro, chamaram ela assim até ela sair da escola, ano retrasado, nunca mais pararam. Sei lá onde ela tá hoje e ainda tem pixo no banheiro falando dela... por causa de um vídeo besta, uma coisa que todo mundo faz.

LAURA – Eu não faço.

EMMA – Não faz ainda, né.

Riem.

LAURA – Eu não, que nojo.

GIOVANA – Vai, Laura, você pega todo mundo.

LAURA – Mas não fico fazendo essas coisas...

GIOVANA – Quem gosta é a Emma.

EMMA – Deusa me livre!

OLGA – Vocês lembram o nome dele?

LAURA – Dele quem?

OLGA – Do cara do vídeo da Pat Boqueteira.

EMMA – Não.

GIOVANA – Também não.

LAURA – Nem sabia disso.

OLGA – Ninguém lembra. Não marcou a vida dele. Só a dela.

EMMA – Ele devia ser suspenso.

LAURA – O cara da Pat Boqueteira?

GIOVANA – Ele nem estuda mais aqui.

EMMA – O Eduardo.

OLGA – Ah, devia mesmo.

LAURA – Nada a ver.

EMMA – Por que não?

OLGA – Nossa, toda vez que eu olho pra ele me dá nojo.

LAURA – Ah, vai, você não pegava ele? Ele é gato...

EMMA – Cala a boca!

OLGA – Olha a merda que o cara fez...

LAURA – Como vocês sabem que foi ele?

EMMA – Laura!

LAURA – E se foi a Marina que deu em cima dele, se foi ela que fez tudo, como vocês sabem que não foi?

OLGA – Mesmo que tenha sido, né...

EMMA – Por ele, ele pegava todo mundo da sala...

LAURA – E daí, gente, homem é assim mesmo...

OLGA – Oi?

LAURA – Gente, é da natureza deles, mexer com todo mundo, na sala, na rua, é assim...

EMMA – Que preguiça de mulher machista...!

LAURA – Ai, agora pra vocês tudo é machismo, também.

OLGA – Mentira, um negócio desses...

LAURA – Alguém espirra e é “nossa, que espirro machista”! Para de falar disso...

EMMA – Adoraria falar de outra coisa, mas como ainda tem milhares de merdas acontecendo com mulheres só porque elas são mulheres, então eu não vou parar não, Laura, obrigada.

LAURA – Sempre foi assim.

EMMA – Quero que se dane como sempre foi, não sou obrigada, Laura.

GIOVANA – Emma, para também, meu.

EMMA – Uma coisa que uma mina faz e todo mundo fala dela pra sempre.

LAURA – Deixa falar! Todo mundo fala de mim, também.

OLGA – Ninguém tá pixando teu nome no banheiro, né, Laura?

LAURA – Se pixarem, não vou tá nem aí.

EMMA – Que bom pra você. Só porque você não liga, tudo bem fazerem com ela?

LAURA – Eu não falei que tá tudo bem.

OLGA – Esquece, ela não entende.

EMMA – Podia ser qualquer uma de nós aqui, você é cega ou o que?

Laura levanta e se afasta do grupo.

GIOVANA – Você pega pesado, também, né?

EMMA – Ela só fala merda. Parece que não vê as coisas.

GIOVANA – Ela é mó criançona ainda... não sei porque você insiste...

Emma e Giovana também se afastam, meio discutindo, sentam em uma das bancadas pra retocar maquiagem. João volta pra coxí, fica um tempo em pé, meio perdido, depois senta-se ao lado de Olga, que está sozinha.

Que bosta de cena, que bosta. Todo mundo deve ter achado uma merda. Eu não sei fazer essa merda, nem se tivesse ensaiado. Que merda. Ela passou a mão no cabelo. Esse cabelo dela é tão legal. Ela ficou tão bonita com ele. Por que você não fala isso pra ela? Só diz “oi, ficou legal esse cabelo novo”. Não, que merda. “Ficou mais bonita ainda com esse cabelo”. Nada a ver, que ridículo. “E esse cabelo aí, hein?” Cala boca, ela vai te achar um imbecil. Só fala “oi”. Só “oi”.

JOÃO – Oi.

OLGA – Oi.

Tá, agora ela tem certeza que você é um imbecil. Tá de parabéns, imbecil. Sempre fala a coisa certa na hora certa. Boa. Muito boa. Fala mais alguma coisa. O que? Pensa. A peça! Pergunta da peça!

JOÃO – Foi muito ruim minha cena?

OLGA – Não, foi OK.

JOÃO – Eu não sei fazer esse papel, eu falei.

OLGA – Tudo bem.

JOÃO – Tá ruim demais?

OLGA – Não. Olha, nem reparei.

JOÃO – Tá.

Parabéns, agora ele tá achando que você nem repara nele. Ótimo. Legal mesmo. Sua idiota. Dane-se, ele nem fala mais comigo direito. Eu achava que ele também era afim,... Que aconteceu? Era coisa da minha cabeça, obvio. Por que que ele ia ser afim de mim? Por que qualquer um seria a fim de mim?

Continuam sentados lado a lado, em silêncio.

E agora, o que que eu falo pra ele?

E agora, o que que eu falo pra ela?

Continuam sentados lado a lado, em silêncio.

JOÃO – Cadê aquela garrafinha?

Vai atrás de Laura, que passa pra ele a garrafa. Ele toma mais um gole, Laura bebe também. Olga está sozinha no canto de uma das bancadas. Coloca os fones. Dá play em uma música.

CENA 02

Marina está parada perto da entrada de cena, preparando-se para entrar em seguida. Os outros estão reunidos perto de uma das bancadas, conversando.

Burra, burra, você foi burra. Você achou que ia ser a exceção. Todo mundo acha que vai ser a exceção. Mas você foi a regra. Sempre é a regra. É por isso que regra chama regra.

MACHA – Me ajuda ou vou estragar tudo... Eu amo Constantin.

DORN – E o que é que eu posso fazer por você?

MACHA – Vou arrancar esse amor do meu coração pela raiz. Amar sem esperança, esperar anos a fio, esperar por quê?

GIOVANA – Só falam de amor nessa peça, né?

JOÃO – Parece aqueles filmes velhos.

LAURA – Tipo os filmes que a Olga gosta.

OLGA – Gosto mesmo.

EMMA – Nunca que alguém ia falar isso hoje.

GIOVANA – Hoje em dia não tem mais a ver.

OLGA – Era diferente, né? Eles mandavam carta de amor... no tempo que demorava a resposta, dava pra inventar tudo que a pessoa tinha de bom, o quanto ela era linda, maravilhosa... dava pra inventar uma paixão inteira, antes de eles se encontrarem, antes de qualquer coisa acontecer.

LAURA – Agora, pegou a pessoa uma vez, você já vê uma merda que ela postou, fica sabendo que falou não sei que merda pra não sei quem, já era, você nem quer pegar a pessoa de novo.

JOÃO – Por isso que eu não pego ninguém, que é pra não dar problema.

OLGA – E Romeu e Julieta, que eles ficaram tipo duas vezes?

GIOVANA – E já foram logo se matando.

JOÃO – Verdade. Zoadado.

EMMA – No fim era tudo coisa da cabeça deles, só.

GIOVANA – Paixão é sempre coisa da sua cabeça.

LAURA – Nem sempre.

GIOVANA – É que as vezes acontece da pessoa que você acha que gosta também achar que está gostando de você, ao mesmo tempo. Aí é uma coisa inventada, só que correspondida.

OLGA – É muito louco gostar de alguém, né? Você até ontem nem tinha reparado que a pessoa existia, aí de uma hora pra outra: meu Deus, ela tá aqui do lado, e agora, o que eu faço? (*riem*)

LAURA – Você já tinha mandado mensagem pra pessoa mil vezes e dane-se, mas a partir de agora é: MEU DEUS O QUE QUE EU ESCREVO?

JOÃO – Parece que todo mundo tá olhando pra você. Só esperando a próxima cagada que você vai fazer.

EMMA – É meio igual subir no palco.

LAURA – E você não decorou as falas.

OLGA – Nossa, eu sempre sonho com isso.

EMMA – O que?

OLGA – Que eu tô no palco, e eu tenho um papel gigantesco, e a plateia tá cheia, e quando eu tento abrir a boca eu não sei o texto e todo mundo começa a rir e quando eu percebo eu tô pelada na frente de todo mundo...

Todos riem. Vitor entra em cena, vindo do outro lado da coxia.

VITOR – Cadê a gaiivota? Vocês viram a gaiivota?

LAURA – Não sei.

OLGA – Não tá do outro lado?

VITOR – Cadê a porra da gaivota?

Vitor sai novamente, rumo ao outro lado da coxia. Todos começam a procurar pela gaivota, entre caixas na coxia.

JOÃO – Mano, e essa gaivota?

OLGA – Que que tem?

JOÃO – Ainda não entendi.

GIOVANA – Como assim?

EMMA – A gaivota é a Nina. *(Breve pausa)* A personagem. *(outra pausa. João não reage)* Tipo o que o cara fez com a gaivota, o outro cara vai e faz com ela. Com a Nina.

JOÃO – Que?

GIOVANA – João, você leu a peça?

EMMA – João, o personagem que era do Tiago mata uma gaivota. Aí o personagem que você faz meio que faz a mesma coisa, só que com a personagem da Marina.

JOÃO – Mas não é a Nina que larga o cara?

OLGA – *(pra Emma)* Esquece.

EMMA – Não posso, a gaivota é importante. É a coisa mais importante da peça, de acordo com o nosso amado diretor.

GIOVANA – Você acha que se esse merda entendesse mesmo de teatro ele ia dar aula aqui na escola? *(riem)*

EMMA – Fracassado, aí fica descontando na gente.

LAURA – No teatro profissional é assim também, até pior.

EMMA – Nossa, como eu odeio esse cara, odeio!

GIOVANA – Achei!

Giovana tira a gaivota de dentro de uma das caixas. É um adereço mal feito, algo tipo escultura de papel machê feita por aluno do ensino fundamental. Ela levanta a gaivota e chacoalha, mostrando pra Vitor, que está do outro lado. Um tempo.

GIOVANA – Que? Não. *(Faz que não com os braços)* Vem você. *(faz sinal com as mãos.)* Não. Ah, não. De jeito nenhum.

Emma tira a gaivota das mãos de Giovana e a coloca lenta e cuidadosamente no chão, olhando fixamente pro outro lado da coxia, numa clara provocação.

EMMA – Folgado pra porra.

Todas voltam a seus lugares anteriores e olham pra gaivota que está no chão.

GIOVANA – Mana, olha bem pra isso.

OLGA – Parece um pato deformado.

EMMA – Ele pediu pros alunos do infantil fazerem?

OLGA – Na aula de artes.

LAURA – É muito feio.

EMMA – Tudo nessa peça é feio... roupa, cenário, música...

OLGA – E essas saias... nem tem nada de balé na peça!

LAURA – É só porque é na Rússia.

EMMA – E daí? Bota uma foto do Putin.

Vitor volta. Ele pega o adereço da gaivota no chão, resmunga alguma coisa pra Emma. Chama João que sai com ele.

LAURA – Vocês já viram Lago dos Cisnes? O balé? Minha mãe me levou pra assistir, uma vez. Foi no Municipal. Lá é bonito. Tem uma hora que a primeira bailarina, que é o cisne branco, dança com o príncipe. Essa parte é linda... mas sei lá porquê nessa hora ao invés de olhar pra ela, eu comecei a reparar nas outras bailarinas atrás dela, umas vinte bailarinas, paradas ali no fundo. Elas ficam uns dez minutos lá, paradas, *(faz a pose das bailarinas do coro)* olhando a primeira bailarina dançar, cada salto, cada pirueta que ela dá, enquanto a plateia se emociona. Uns dez minutos! Dez minutos PARADA. Enquanto a primeira bailarina tá no momento de glória dela, tem outras vinte ali no fundo, todas com essas mesmas sainhas de tule ridículas, e tudo que deve passar na cabeça delas é “eu nunca vou ser como ela”. Na hora que acaba, todo mundo só fala do cisne. E as meninas lá do fundo são profissionais, elas fazem coisas que eu depois de tantos anos de ballet nunca consegui fazer, mas a verdade é que todo mundo só vai lembrar da primeira bailarina, mesmo que pra isso vinte outras tenham que se sentir mal, sabe? Mesmo que outras vinte passem a vida dizendo que tentaram, mas nunca fizeram o cisne branco. E a gente guarda mais na memória as coisas que a gente não conseguiu fazer, não as que a gente fez. E todo mundo quer ser cisne, mas talvez a gente nunca seja.

Um silêncio que parece reflexivo, mas é logo quebrado por Olga.

OLGA – Qualé a dos russos com pássaro? Sempre tem uma gaivota, um cisne...

GIOVANA – Russos são estranhos.

Breve silêncio.

LAURA – *(voltando a sentar)* Quando a gente entra de novo?

OLGA – Faltam duas cenas, ainda.

Breve silêncio. Laura toma mais um gole da vodka. Estende a garrafa pra próxima. Vão passando de mão em mão. Giovana recusa. Outro silêncio após todas beberem.

GIOVANA – Vocês viram o Twitter dela?

LAURA – Qual arroba?

GIOVANA – @suagaivota.

(Todas pegam seus telefones e olharão pra eles durante todo o diálogo)

OLGA – É dela?

GIOVANA – Tá na cara que é...

LAURA – *(lendo, dramaticamente)* Sou uma gaivota. Não, sou uma atriz... *(ri)*
Gente, ela leva a peça a sério...

EMMA – Claro, ela é a principal. Se eu fosse a principal era fácil levar a sério.

OLGA – Mas como não é, faz questão de fazer tudo cagado.

EMMA – É tipo um protesto. *(riem)*

OLGA – Você fez o teste? Pro papel dela?

EMMA – Fiz todos os testes, pra todos os papéis, ele não gostou de nenhum.

LAURA – *(lendo)* Será que esse amor poderia ser verdade? Bobagem minha, eu sei. Mas e se?

LAURA – Será que é ela mesmo?

GIOVANA – Claro que é.

OLGA – Pode ser qualquer mina, apaixonada por qualquer pessoa.

LAURA – (*lendo*) Como é bom ouvir sua voz. Mesmo longe.

GIOVANA – Olha lá, julho. Nas férias.

LAURA – E daí?

GIOVANA – Daí que ela falou com o Eduardo nas férias?

EMMA – Não entendi...

GIOVANA – É óbvio que ela tava com ele já.

OLGA – E se for do Tiago que ela tá falando? Em julho eles tavam juntos.

EMMA – Eles terminaram quando as aulas voltaram, acho.

LAURA – (*lendo*) Se um dia precisar da minha alma, é só vir e tomar.

OLGA – Será que ela que escreveu isso?

EMMA – Deve ser tudo Clarice Lispector.

OLGA – (*ri*) Shakespeare.

GIOVANA – Tinha umas fotos antes... dava pra sacar que era ela... depois que a galera descobriu e começou a comentar, aí ela apagou umas coisas.

OLGA – (*lendo*) A gente pensa que é amor, mas vem outro amor bem maior e é aí que a gente entende.

GIOVANA – Indireta pro Tiago.

LAURA – Total foi!

OLGA – (*lendo*) Não tem volta. Chega de achar que a nossa história vale a pena. Quanto tempo perdido numa estória de amor requentada.

EMMA – (*rindo*) Nossa, como é maravilhoso quando a gente supera a pessoa, né... quando você pode olhar pra ela de boa, que pra você ela já não faz efeito nenhum.

LAURA – Melhor coisa.

OLGA – Pra quem superou, né... não pra quem foi superada.

TRIGORINE – Não é todo dia que conheço mocinhas jovens e curiosas. Não consigo mais imaginar com clareza o que se sente com dezoito ou dezenove anos, em meus romances as mocinhas sempre soam falsas.

LAURA – *(parando pra prestar atenção na cena)* Pera, não é depois dessa cena que a gente entra?

EMMA – *(repara também)* Que?

TRIGORINE – Eu gostaria de poder ficar em seu lugar, ao menos por uma hora, para descobrir em que você costuma pensar, do que você é feita.

EMMA – Não, tem tempo ainda. Relaxa.

OLGA – *(lendo)* Não sei o que fiz antes de te amar. *(para as outras)* Será que o Tiago lia isso?

LAURA – *(lendo)* Eu só me sinto em casa quando você está perto.

GIOVANA – Lia. Ele que me mostrou.

OLGA – Ele gostava muito dela, né?

EMMA – Ainda gosta.

LAURA – *(lendo)* Um amor vai curando o outro até a gente encontrar um que não machuque e que não deixe o próximo existir.

EMMA – Você tentou ligar pra ele de novo?

GIOVANA – Vou tentar... *(ela liga)*

TRIGORINE – Existem certas ideias fixas, que fazem um homem passar dia e noite pensando numa coisa só, como a lua, por exemplo; e eu tenho a minha lua em particular.

OLGA – Por isso ele ficou tão mal...

GIOVANA – Sei lá, eles nunca se deram tão bem assim...

OLGA – Não?

LAURA – *(lendo)* Não te amar está acima das minhas forças.

GIOVANA – Brigavam pra caramba. Iam e voltavam o tempo todo.

LAURA – *(lendo)* Nós dois também fomos engolidos pelo redemoinho.

EMMA – E você stalkeando...

GIOVANA – Cuida da tua vida, Emma.

LAURA – *(lendo)* Quase contei nosso segredo hoje. Nunca ia me perdoar.

GIOVANA – *(desistindo da chamada)* Tá desligado.

LAURA – *(lendo)* Me desculpa se cobro demais, insisto, ligo demais, sinto tanta saudade, eu sei que eu sou difícil e me suportar é quase impossível e não vou me importar se você quiser tirar férias de mim. Se eu pudesse, faria isso também.

OLGA – Isso é do Eduardo?

GIOVANA – Certeza.

OLGA – Que pesado.

EMMA – Daí pra frente só piora...

NINA – Pela felicidade de ser atriz eu enfrentaria minha família, a pobreza, as decepções, morar em qualquer lugar, comer pão dormido, suportaria tudo... mas em troca exigiria a glória... a glória verdadeira...

LAURA – *(lendo)* Você dizia que nunca deixaria alguém me machucar, mas aí você foi esse alguém.

EMMA – Por que a gente sempre cisma com umas pessoas que nem são tão legais assim?

GIOVANA – *(lendo)* Me desculpa, me desculpa, me desculpa, não vou aguentar te perder.

OLGA – Diz que tem a ver com hormônio...

EMMA – Fica criando a pessoa perfeita na cabeça.

GIOVANA – *(lendo)* Você é a última vez que eu faço isso comigo.

EMMA – E a pessoa nem existe.

GIOVANA – *(lendo)* Malditos dois tracinhos azuis.

Voltam a passar a garrafa de vodka entre elas.

LAURA – Eu às vezes gosto de olhar os manequins nas vitrines do shopping e pensar: nossa, um cara desses eu pegaria... *(riem)*

GIOVANA – *(lendo)* Malditos dois tracinhos azuis. Maldito silêncio.

EMMA – *(ri)* Nada a ver.

LAURA – *(ri)* Imaginário por imaginário....

GIOVANA – Foi em novembro, isso.

EMMA – É uma merda se apaixonar.

OLGA – No fim a gente sempre faz papel de trouxa.

GIOVANA – *(lendo)* Eu imaginei tudo? Tudo que você falou, o que aconteceu, era mentira?

EMMA – Como que faz pra não ser trouxa? Tem um botãozinho de gostar/desgostar, você aperta e esquece a pessoa rapidinho?

GIOVANA – *(lendo)* Eu vou fingir que não sinto, até eu deixar de sentir.

OLGA – Por isso que todo mundo foge.

EMMA – Ninguém quer ser a metade que ama mais.

GIOVANA – *(lendo)* Afinal, o que somos

quando o amor
e os sonhos
se esgotam?

Silêncio. Giovana é a última a beber um gole da garrafinha.

TRIGORINE – Como a gente se sente bem aqui! Eu realmente não sinto a menor vontade de ir embora.

GIOVANA – Se olhar bem, do primeiro ao último post dá cinco meses...

EMMA – Nossa, Giovana, você é detetive?

GIOVANA – Ah, eu queria saber.

EMMA – Saber se ela ia voltar pro Tiago.

GIOVANA – Nada a ver.

EMMA – Ao invés de falar as coisas pra ele, fica stalkeando a ex...

GIOVANA – Cala a boca.

EMMA – Por que você faz isso com você?

GIOVANA – Ai, Emma, vai se fuder.

Giovana sai pro banheiro.

OLGA – Ah, tá. Quem vê pensa que você fala pra ela o que você sente.

EMMA – Eu já falei.

OLGA – Aham.

EMMA – De certa forma, sim.

OLGA – Ou parte pra cima ou parte pra outra.

EMMA – *(após uma pausa)* A gente é muito amiga, não quero estragar isso.

OLGA – Você tá estragando é o emocional, né, amiga?

Emma bebe mais um gole da garrafinha. Vitor volta, vindo do outro lado.

TRIGORINE – O que é isso?

NINA – Uma gaivota. Cóstia quem matou.

Trigorin – Que bonita!

OLGA – Vixi, olha lá.

Todos correm pra beira do palco, e observam juntos a cena de João, que já está bastante confuso, pelo nervosismo e pela vodka.

NINA – O que você está escrevendo?

TRIGORINE – Nada. Tomando notas. Ideias para uma história. Um conto curto.

EMMA – Vamo, João. Bora.

Silêncio.

VITOR – Uma jovem vive desde a infância perto de um lago...Vai!

LAURA – Ai, não. Caramba.

NINA – Qual é?

TRIGORINE – Tema para um conto curto.

Novo silêncio. Giovana volta para perto do grupo.

GIOVANA – Ele não tá lembrando?

EMMA – Pu-ta-que-pa-riu.

TRIGORINE – Tema para um conto curto.

Laura pega seu celular e começa a filmar a cena que está rolando no palco.

Todos estão nervosos mas ao mesmo tempo achando engraçado.

VITOR – Mano, qual é o problema desse moleque?

OLGA – Ai, gente, que aflição.

Olga pega a garrafinha e toma um outro gole.

TRIGORINE – Tema para um conto curto.

**NINA – Me dá o caderno aqui, deixa que eu leio pra você. Tema para um
conto curto.**

VITOR – Aeee, salvou.

Gestos e suspiros de alívio de todo o elenco na coxia.

**NINA – Uma jovem vive desde a infância perto de um lago, uma moça
assim como você; ela ama o lago como uma gaivota, é feliz e livre, como
uma gaivota.**

VITOR – Que porra é essa que vocês tão passando aí?

LAURA – Vodka.

VITOR – Vocês trouxeram vodka pra peça?

LAURA – Peça russa. *(dá mais um gole)*

NINA – Ela ama o lago como uma gaivota, é feliz e livre, como uma gaivota.

VITOR – Dá um gole aí. *(pega a garrafa e dá um gole longo.)*

NINA – Mas aparece um homem, e por pura falta do que fazer, tira a vida dela, como se ela fosse uma gaivota.

Todos se dispersam quando percebem que a cena deu certo e não há mais o que filmar. Vitor acena para João, que saiu pelo outro lado do palco, dá um último gole na vodka e depois vai se encontrar com ele. As meninas se organizam pra entrar em cena em seguida.

NINA – É só um sonho!

Marina volta para a coxia, após sair de cena. Ela tem a gaivota na mão. Por um tempo fica em suspenso, como que perdida. Emma, Laura e Giovana entram em cena para a troca de cenário. Música alta, instrumental, russa, da trilha da peça. Olga sentada em uma das bancadas, com os fones. Marina começa a quebrar a gaivota, batendo contra o chão repetidas vezes. Não grita, não xinga, não fala. Apenas quebra, com muita raiva. Olga percebe, mas finge não perceber. Talvez faça menção de se levantar e ir em socorro da outra, mas acaba não fazendo nada. Apenas bebe mais um gole da vodka e aumenta o volume da música.

CENA 03

Marina foi para o outro lado da coxia. Os outros estão em volta de João, já muito bêbado. Vitor com o texto na mão, tentando passar pra ele as próximas falas.

VITOR – “Se um dia precisar da minha vida, é só vir e tomar”.

JOÃO – Se um dia precisar tomar...

VITOR – *(muito puto)* Ainda tem duas cenas, caralho.

EMMA – Mano, não vai rolar.

OLGA – *(parando na frente de João)* João, você acha que consegue entrar?

JOÃO – *(completamente bêbado)* Vai dar, vai dar. Eu vou fazer.

VITOR – “Se um dia precisar da minha vida, é só vir e tomar.”

João está olhando pra Olga e nem repete nada.

VITOR – Putaquepariu, Laura.

LAURA – Que tem eu?

Vitor toma a garrafa da mão dela.

EMMA – Alguém tem caneta?

VITOR – Eu preciso entrar. Passa essa porra com ele.

Vitor larga o texto na mão de Emma, toma um gole de vodka, deixa a garrafa com Giovana, sai pela esquerda, indo pro outro lado da coxia. Laura pega a caneta e entrega pra Emma, que começa a escrever o texto na mão de João.

EMMA – *(entregando o texto pra Laura)* Segura isso aqui pra mim.

Laura segura o texto, mas ao mesmo tempo está no celular.

ARCADINA – Nunca vou saber por que razão Constantine tentou se matar.

JOÃO – Tá muito ruim? Você acha que tá muito ruim?

Emma e Laura se olham meio rindo. Giovana e Olga se afastam, observando a cena que acontece no palco.

LAURA – Tá engraçado....

JOÃO – Que merda. Eu queria fazer direito, juro, eu queria.

SORINE – Um rapaz jovem, inteligente, vivendo no campo no meio do nada, sem dinheiro, sem posição, sem futuro. Sem ter o que fazer. Ele sente medo e vergonha de ser um desocupado. No fundo, ele acha que é demais na casa, um parasita...

GIOVANA – Eu já pensei nisso, uma vez.

OLGA – Sério?

GIOVANA – É. Eu não via mais sentido nas coisas. Mas daí na hora desistir também não fazia sentido. Nem ir embora fazia sentido. Eu não queria fazer outra escolha errada, sabe? De novo.

OLGA – *(depois de uma pausa)* Você acha que foi por causa da Marina?

GIOVANA – O que?

OLGA – O Tiago... *(pensa)* Eu não acho que ele...

GIOVANA – *(interrompendo)* Eu também não.

OLGA – Mas se ele tivesse...

ARCADINA – Você não vai tornar a fazer bobagens quando eu estiver longe, vai?

GIOVANA – Acho que não... pode até ser que ele pense que é por causa dela, que ele tá triste por causa dela, mas ela não tem culpa...

TREPLEV – Não, mamãe. Foi um momento de desespero, em que eu perdi o controle...

GIOVANA – Ninguém tem culpa de não gostar de alguém... *(pega a garrafinha de vodka)* Às vezes a gente acha que a pessoa é o amor da nossa vida... mas ela não concorda... né? *(sorri meio triste e bebe um gole)*

OLGA – Nunca é como a gente queria...

GIOVANA – Nunca.

OLGA – Você vai achar alguém legal.

GIOVANA – Você também.

Olga sorri. Pausa. Estica o braço pedindo a vodka. A outra entrega, também sorrindo. Olga bebe mais um gole e devolve a garrafa.

GIOVANA – Ele já tava triste muito antes, antes da Marina entrar na escola, até.

OLGA – Verdade.

GIOVANA – A gente conversava muito, de madrugada... eu tava triste, ele também... a gente falava muita coisa um pro outro... Eu sei tudo que ele tava passando. Não tô falando da Marina, tô falando dele. Da casa dele, da mãe dele. Ela cobra ele muito. Ele se cobra muito. Eu não sei se dava pra ter feito alguma coisa. Ele tava indo na psicóloga, se tratando, e tem os professores, os pais dele, tanta gente, e ninguém percebeu. Ou todo mundo percebeu e ninguém fez nada.

Eu sou uma amiga de merda.

GIOVANA – Ele falava que se ele fosse embora não ia fazer falta. Não ia fazer a menor diferença pra ninguém. Eu falava que pra mim fazia diferença, sim. Pra família dele. Aqui na peça. Ele dizia que não, que se ele sumisse tudo ia continuar normal, como se nada tivesse acontecido.... *(bebe mais um gole)*

TREPLEV – Eu não tenho mais nada. Ela não me ama. Não tenho mais nenhuma esperança.

GIOVANA – E, bom... metade da peça já foi, né...

OLGA – Não é a mesma coisa.

GIOVANA – Eu sei que não.

O mundo segue. A gente vai embora e o mundo segue, segue sem a gente.
Não faz diferença.

ARCADINA – Não se desespere... tudo se resolve. Ele vai embora e ela vai te amar de novo.

OLGA – Ninguém é insubstituível, mas isso não quer dizer que a gente não faça diferença pras pessoas.

Giovana sorri, mas sem acreditar muito. Marina entra pela esquerda, vinda do outro lado da coxia.

O que eu tô fazendo aqui? Eu nem devia ter vindo.

Vitor passa saindo de cena.

VITOR – Que merda de peça de bosta.

EMMA – A gente sabe.

O que iam fazer? Cancelar?

VITOR – Mano, ninguém consegue fazer uma merda de uma cena direito. Eu nem ensaiei essa porra desse papel e tô fazendo melhor que todo mundo.

O que ele tá pensando agora?

EMMA – Que fodão você.

VITOR – Ah, cala sua boca, tô fazendo mesmo.

O que ele pensou esse tempo todo?

EMMA – Não me manda calar a boca!

JOÃO – Calma, gente.

Eu inventei tudo, como ele diz que eu fiz?

VITOR – Vai se fuder, Emma.

Você tá louca!

VITOR – Folgada pra cacete.

EMMA – Folgado é você! Escroto!

Eu não fiz nada disso!

JOÃO – *(tentando apartar)* Calma, gente, vai dar tudo certo.

Você tá exagerando!

Vitor arranca o texto da mão de Emma e joga no chão. Estão todos já um pouco alterados pela bebida. Ao perceber a discussão, Olga e Giovana chegam mais perto. Marina não dá atenção, está imersa nos próprios pensamentos.

EMMA – Pega essa merda do chão agora.

Não inventa, Marina! Não inventa!

VITOR – Vai, vai lá trocar o cenário, vai.

EMMA – Imbecil!

GIOVANA – Emma!

Será que um dia ele gostou de mim de verdade?

Giovana abaixa e pega o texto no chão.

EMMA – Para, você é mãe dele, por acaso?

Eu inventei isso?

Vitor sai pela esquerda. Enquanto isso, Laura e Olga empurram João pra dentro da cena.

LAURA – Para de ser revoltada, Emma. Dá ruga.

Não, eu lembro... aconteceu... foi assim...

Giovana e Olga pedem silêncio, apontam o palco. Emma segue falando, revoltada, já bem alterada, quase chorando, mas tentando controlar o volume da voz pra não atrapalhar.

EMMA – Eles sempre fazem o que querem, e a gente sempre deixa. A gente aprende a dizer sim e eles aprendem a ouvir sim. A gente fala não, eles ouvem sim. Eles ouvem só o que eles querem, e a gente é obrigada a ouvir o que não quer o dia todo. De professor, de gente na rua, dos velhos, quando passa com short curto, quando anda sozinha, quando tá na praia, quando engorda, quando fala alto, quando anda de mão dada, quando corta o cabelo, quando quer, quando não quer, o tempo todo, e nem reclama porque aprende que tem que dizer sim ou então ficar quieta. Até quando?

Emma vai pro banheiro, meio chorando de raiva. Giovana pensa em ir atrás, mas desiste. Laura olha de longe, senta num canto e volta pra seu jogo no celular.

OLGA – Que que ela tem?

GIOVANA – Raiva.

OLGA – Nossa... hoje tá demais.

Eu era especial e agora não sou mais.

GIOVANA – Sabia que os pais dela nunca vieram assistir? Ela tá no teatro faz cinco anos, eles trazem ela aqui e vão embora, passam depois pra buscar.

Se eu tivesse tratado ele diferente, falado de outro jeito, ele ainda ia me amar?

GIOVANA – Ou ela vai sozinha. Mas eles nunca vieram. Nunca!

Por que não contei pra ninguém?

GIOVANA – E é tão importante pra ela. Os pais fazem merda demais.

A culpa foi minha. A culpa foi minha?

Marina entra em cena. Emma volta do banheiro e senta junto com as duas.

EMMA – Tem um pixo no banheiro.

GIOVANA – Tem vários.

EMMA – Falando da Marina.

LAURA – Aqui também?

OLGA – Mas ninguém usa esse banheiro, só quando tem apresentação.

EMMA – Ou seja?

OLGA – Foi alguém daqui...

GIOVANA – *(pra Laura)* Foi você?

LAURA – Claro que não.

EMMA – Idiota...

LAURA – Não fui eu! Tenho mais o que fazer.

OLGA – Não consigo nem pensar se fosse comigo...

EMMA – E os comentários no twitter...?

OLGA – São péssimos?

EMMA – Totalmente.

LAURA – *(ainda de longe)* Tipo o que?

EMMA – Umas coisas pesadas.... *(lendo)* Que vagabunda. E acha que ninguém sabe quem ela é.... hahahaha./ Parabéns pela falta de noção. / Bem feito troxa kkkkk / Ficou com ele porque quis, né, sabia onde tava se metendo, na hora foi bom agora aguenta.... / ué, se não queria que caísse fora, a culpa é dela sim / Camisinha ninguém conhece né? / Aí faz de coitadinha, não tem santo nessa história, não...

Silêncio.

LAURA – É, não deve ser fácil...

EMMA – Claro que não.

Outro silêncio. Laura vai pra junto das outras.

LAURA – Uma vez a gente saiu do ensaio e quando eu cheguei lá no portão eu vi que tinha esquecido minha blusa na sala... aí eu voltei correndo pra buscar...

A hora que eu entrei tavam só eles dois. Ela meio que tava chorando, ele tava segurando ela pelo braço... e eu achei que fosse da peça, que eles tavam ensaiando, sei lá, achei que ele tava dando alguma bronca nela, por causa da cena, ou alguma coisa assim, parecia um pouco isso. A hora que eu entrei ele olhou pra mim e largou ela, e ela meio que escondeu a cara e foi pro fundo, e ele perguntou meio bravo o que que eu queria e eu disse que só precisava pegar minha blusa e ele meio que deixou, mas ficou aquele silêncio na sala, eu não lembrava em qual cadeira eu tinha deixado e eu tive que procurar no meio das fileiras, e ele ficava me apressando, e eu acho que ouvi a Marina resmungando alguma coisa, mas não sei o que, eu achei a blusa e saí de lá meio correndo. Você lembra? Eu encontrei você depois, te falei disso.

TRIGORINE – *(lendo)* “Se um dia precisar da minha vida, é só vir e tomar.”

OLGA – Lembro.

LAURA – Mas eu não sabia que eles se pegavam....

TRIGORINE – Se um dia precisar da minha vida, é só vir e tomar.

EMMA – Nos ensaios, ele sempre brigava com ela também.

LAURA – Mas ele briga com todo mundo.

OLGA – Pensa que bizarro quem te dá bronca na aula é meio que seu namorado?

Passam novamente a garrafa de vodka de mão em mão.

EMMA – Que você acha?

GIOVANA – Eu?

EMMA – É. Você nunca fala nada.

GIOVANA – Sei lá. Problema deles.

LAURA – Gente, quem somos nós pra impedir o amor?

EMMA – Quem disse pra você que era amor?

LAURA – Quem disse pra você que não era?

OLGA – A lei. A lei disse. A lei deixa bem claro.

**ARCADINA – Eu sei o que prende você aqui. Você precisa se controlar.
Você está um pouquinho embriagado e precisa ficar sóbrio.**

EMMA – Não é crime.

OLGA – Claro que é!

EMMA – Não é, ela tem dezesseis anos, ela não é mais criança, se ela também quis então não é um crime, agora se ele forçou ela a fazer alguma coisa, aí foi. Só que a gente não tem como saber o que aconteceu de verdade.

OLGA – Como não sabe? É óbvio. Ele é muito mais velho que ela, e é nosso professor. E ele sempre foi assim, sempre falou merda pras meninas todas... fala como se fosse piada, mas fala...

EMMA – O Pedro de matemática também. Toda hora, falando merda... parece que precisa se mostrar, fazer graça o tempo inteiro...

GIOVANA – Na hora que a gente passa ele até vira o pescoço pra olhar pra gente, credo.

TRIGORINE – Você é capaz de sacrifícios. Seja minha amiga.

OLGA – Mas quando falaram do João pra coordenadora, ela nem ouviu direito, lembra? A Monica foi lá reclamar, e aí disseram que ela não podia desrespeitar um professor assim, uma pessoa mais velha... que ela não podia falar sem ter

certeza do que ela tava falando, que aquilo era muito sério e ela precisava pensar direito na acusação que ela tava fazendo.

LAURA – Mas o Eduardo, sei lá, nunca aconteceu nada assim grave... ou teve?

EMMA – O que é grave pra você?

ARCADINA – Mas você está tão envolvido assim?

TRIGORINE – Ela me atrai. Eu a vejo nos meus sonhos. Sonhos maravilhosos e doces. Pode ser que seja disso que eu precise.

GIOVANA – Dizem que ele namorava com a Cátia, lembra? Uma menina do terceiro ano passado, ou retrasado... lembra? Uma loira? Cabelão liso? Peitão?

EMMA – Igual a Marina...

GIOVANA – É, meio parecida com a Marina mesmo... depois que ela se formou, parece que eles começaram a namorar...

OLGA – Depois que ela se formou?

GIOVANA – Ah, sei lá quando foi. Dizem.

LAURA – Mas a Marina... e se aconteceu de verdade? E se ela gostava dele de verdade?

OLGA – E se foi ele que fez ela achar que tava apaixonada?

GIOVANA – Nossa, Olga, mas aí também você tá falando que ela é trouxa, né, que ela não é capaz de pensar sozinha...

ARCADINA – Eu sou uma mulher igual as outras. Você não pode me dizer essas coisas.

OLGA – Não é isso... É só que é muito fácil se apaixonar pela pessoa errada só porque você tá triste... só porque você acha que ninguém nunca vai se apaixonar

por você... porque ela te fala que você é talentosa e maravilhosa e linda e especial, e quem não quer se sentir talentosa e maravilhosa e linda e especial?

EMMA – Não é estranho? Tá, cada um pega quem quiser e tals, mas e se fosse o contrário? Tipo a Joyce de química pegando um dos meninos da sala... (*as outras riem*)

LAURA – Bizarro...

EMMA – Ele sabe o que é ter dezesseis anos, ele já passou por isso, e sobreviveu, ele tá aí, tem um nome, uma carreira, um emprego, se bobear até uma família. A gente não sabe da vida dele, sabe? Ela nunca teve a idade dele. Vai ver ela só vai ter noção das merdas que fez aos dezesseis quando ela tiver trinta e dois. Daqui a uma outra vida inteira jogada fora.

Silêncio.

TRIGORINE – Eu nunca tive, até hoje, um amor igual a esse.

ARCADINA – Você perdeu a razão.

EMMA – Como diz a Sueli, “é muito difícil uma relação de poder ser boa pra quem não tá no poder”.

GIOVANA – Quando ela falou isso?

EMMA – Ela fala isso toda aula.

GIOVANA – Ah. Eu durmo.

Pausa.

OLGA – Se for verdade que ela tá grávida, ela vai carregar isso pra vida toda.

ARCADINA – Se você me deixasse, nem que fosse por uma hora, eu morreria, eu ficaria louca.

LAURA – Será que ele vai assumir? Casar com ela?

EMMA – *(faz que não com a cabeça)*

OLGA – Dizem que até não sei quantas semanas o bebê não sente nada.

GIOVANA – Fala sério.

LAURA – É proibido.

OLGA – Ah, mas... tem outros jeitos...

GIOVANA – Que outros jeitos?

LAURA – Para, é pecado.

OLGA – Sei lá.

EMMA – Nada a ver.

GIOVANA – Para, é arriscado.

LAURA – Eu acho, ué.

OLGA – É, de qualquer jeito ela corre risco.

EMMA – Você não tem que achar nada.

OLGA – De morrer. De mudar a vida dela inteira.

LAURA – É a minha opinião.

GIOVANA – Será que os pais dela sabem?

LAURA – Eu tenho direito a uma opinião.

OLGA – Do Eduardo? Ou do bebê?

LAURA – É só a minha opinião.

GIOVANA – Dos dois...

EMMA – Mas não é o teu corpo, né?

GIOVANA – Será que ela contou pra eles?

LAURA – Tem que assumir a responsabilidade.

OLGA – Eu não ia ter coragem de contar...

EMMA – Fala isso pro pai.

GIOVANA – Nem eu...

LAURA – Minha opinião, só.

GIOVANA – E a direção?

EMMA – Foda-se a sua opinião.

GIOVANA – Eles sabiam?

LAURA – Foda-se você. É lei. É lei.

GIOVANA – Não vão fazer nada?

EMMA – Que que você sabe de lei, Laura?

GIOVANA – Vão mandar ele embora? Eles podem mandar ele embora?

LAURA – Não pode fazer!

GIOVANA – Podem botar ele na cadeia?

EMMA – Mana, que insuportável.

LAURA – Não pode e pronto.

OLGA – Todo mundo devia saber de tudo e não fez nada.

EMMA – Ai, tá bom, Laura, até aí não pode trazer vodka pra peça também...

LAURA – *(provocando)* Mas bem que você tá tomando, né?

Riem. Emma pega a garrafa e toma mais um gole. As outras também. Emma e Laura estão já bastante bêbadas. Giovana e Olga um pouco menos, mas ainda assim, já bem alteradas.

EMMA – Mas que não pode, não pode. *(Riem de novo.)*

OLGA – Ninguém tem culpa de se apaixonar.

EMMA – Mas saber que é cagada, e escolher ficar mesmo assim?

OLGA – Duas vezes mais cagada.

Marina entra pela esquerda. Todas olham pra ela. Marina olha de volta.

EMMA – Você tá bem?

Marina não diz nada, continua andando e para perto da entrada de cena. As outras passam a falar bem mais baixo, quase sussurrando.

Vou embora amanhã, vou deixar meu pai, deixar tudo.

LAURA – A gente não controla isso...

OLGA – Amar tem que abrir mão de umas coisas, não é?

EMMA – Mas não de você.

GIOVANA – O que que você entende de amor? Você nunca nem gostou de ninguém...

EMMA – Que?

GIOVANA – Você nunca falou de ninguém pra mim, pelo menos...

Emma sorri, sem saber o que responder. As outras também. Silenciam.

É o perfume dele. Alguém deve usar o mesmo. Se concentra. Esse fantasma do perfume dele, o beijo dele, a voz dele. Usa isso na peça. Vou embora amanhã, vou deixar meu pai, deixar tudo. Merda de perfume. Pode confiar em mim. Socorro. Você não é como as outras. Usa na peça. Você é tão madura

pra sua idade. Começar uma vida nova. Você não faz ideia de como você é bonita. Vem cá, deixa eu te mostrar. Entra em cena. Entra na cena! Já te disse mil vezes que não é assim. Anda!

Marina entra em cena e todas assistem, sabendo que vão entrar em seguida.

NINA – Eu sabia que ainda íamos nos ver.

TRIGORINE – Você é tão linda.

NINA – Vou embora amanhã, vou deixar meu pai, deixar tudo pra começar uma vida nova. Eu vou pra Moscou. E lá nos veremos.

TRIGORINE – Que alegria pensar que daqui a pouco vamos nos ver de novo. Vou ver de novo esses olhos maravilhosos, esse sorriso tão lindo, estes traços tão doces, essa expressão angelical... minha querida...

João entra pela direita, saindo do palco. Uma grande troca de cenário entre as cenas 03 e 04. As meninas andam de um lado para outro, pegando objetos em cena e levando para fora (para o palco). João está parado no meio da coxia, acompanhamos os pensamentos dele enquanto todos os outros atores e atrizes circulam ao redor, em diferentes velocidades, preparando a cena seguinte.

Tudo fudido, tudo uma merda, lá vai ela, como ela tá linda, fala alguma coisa, você tá bêbado mesmo, foda-se, eu devia ter falado ano passado, quando a gente tava na mesma sala, agora ela deve me achar um fracassado, um imbecil de um repente de merda, eu tive minha chance e fiz merda, agora é tarde, queria deixar de pensar nela, mas ela sorrindo fica tão bonita, caralho, minha cabeça tá rodando, eu devia dizer alguma coisa, que merda é essa que tá acontecendo, fala alguma coisa, que merda, que é isso. Corre. Corre.

João sai de cena para o banheiro para vomitar. Todo mundo percebe.

CENA 04

Só as quatro conversam enquanto observam o palco.

OLGA – E se ele passar mal de novo lá do outro lado? Não tem nem banheiro.

GIOVANA – Sei lá... vão ter que dar um jeito...

EMMA – Ainda bem que a gente fica pra cá sempre...

MACHA – É só uma questão de a gente se acostumar, não ficar sempre à espera, à espera de alguma coisa... quando o amor entra pelo coração é preciso colocar ele pra fora. Arrancar tudo pela raiz. Pode ficar certa que eu esqueço dele em dois tempos. Não é tão sério assim.

LAURA – Quanto tempo ainda pra acabar?

OLGA – Acho que uns vinte minutos.

LAURA – Tudo isso?

OLGA – Nos ensaios dava uma hora e dez, por aí...

LAURA – Quero ir embora.

EMMA – Eu também.

GIOVANA – A hora não passa.

LAURA – Não acaba nunca.

GIOVANA – Parece propaganda do youtube.

LAURA – Eu queria um botão pra fazer o tempo passar logo.

OLGA – Eu queria uma mensagem da minha eu do futuro contando que deu tudo certo.

EMMA – Eu queria aqueles textos de fim de filme. “Emma formou-se em direito, tornou-se uma advogada de sucesso e hoje vive na Califórnia com a esposa e cinco filhas.” *(todas riem)*

GIOVANA – Caramba, cinco?

EMMA – *(rindo)* “Olga formou-se em filosofia, lançou oito livros e mora em Paris, onde luta pelos direitos dos animais e dá palestras sobre veganismo”.

OLGA – *(rindo)* Só fazem isso em filme que não vai ter parte dois. Quando eles acham que dá pra fazer outro filme, aí eles deixam o final meio em aberto...

GIOVANA – Eu gosto. Dá pra escolher o final que você acha mais legal.

OLGA – É, e essa coisa de tudo ficar resolvido, como se nunca mais fosse aparecer problema de novo, não tem nada a ver.

LAURA – Mas dá nervoso, também. Quando não mostra o fim.

EMMA – Verdade.

LAURA – Parece preguiça.

EMMA – É. No fundo todo mundo quer saber o que vai acontecer no final. Todo mundo gosta de falar do futuro.

GIOVANA – Eu não. Odeio falar de futuro! Só o que todo mundo faz é falar comigo de futuro, falar o que eu tenho que fazer, quem eu tenho que ser. Não aguento mais!

EMMA – “Amarga após separar-se de seu quarto marido, Giovana viaja o mundo gastando sua fortuna e reclamando de todos os países que visita”.

GIOVANA – *(rindo)* Não sou tão chata assim.

LAURA – E eu?

EMMA – “Após tornar-se um ícone do teatro musical, Laura foi a primeira brasileira a ter seu nome na Calçada da Fama em Hollywood”.

LAURA – Ai, morri! Quero!!! Quero agora!!!

Marina sai apressada do banheiro. Para em frente delas. Todas olham. Momento de suspensão.

MARINA – Alguém tem um absorvente pra emprestar?

Todas as meninas correm imediatamente pra suas mochilas em busca de absorventes. Laura e Emma vão até ela.

LAURA – *(entrega)* Aqui, pode pegar.

MARINA – Obrigada.

LAURA – Imagina.

EMMA – *(também entrega)* Não precisa devolver, não. *(riem)*

MARINA – Desculpa, é que eu não sabia que...

EMMA – Tá tudo bem.

Marina corre pro banheiro. As outras ficam em silêncio um tempo, surpresas e um pouco aliviadas pela outra.

LAURA – *(muito baixo, quase sem som)* Quer dizer que...?

EMMA – *(idem)* Acho que sim.

TREPLEV – Ela fugiu por causa de Trigorine. E teve um filho. A criança morreu. Trigorine cansou dela e voltou pros antigos amores, como era de esperar. A vida particular de Nina foi um fracasso, e o teatro acho que foi ainda pior. Sempre fazendo papéis importantes, mas sempre representando mal, com mau gosto, gritando e gesticulando demais. Ela começou a me escrever. Nunca se queixava, mas dava pra sentir que

estava infeliz, cada linha deixava à mostra um nervo ferido, tenso. Assinava sempre como “A Gaivota”. O pai e a madrasta recusam-se a reconhecê-la. Puseram guardas por toda a propriedade, para impedir que ela passe por perto.

Marina volta do banheiro. Se coloca perto da entrada da cena, preparando-se pra entrar. As outras observam. Ninguém diz nada.

Não tô, não tô, não tenho que falar pra minha mãe, não tenho que falar pra ele, o que ele ia pensar, o que ele pensou esse tempo todo, vai ver ele já tá com outra, Minha Gaivota, Minha Gaivota,

MARINA – Minha Gaivota, era tão óbvio, tava tudo escrito já e mesmo assim eu não entendi nada, por que eu preciso tanto dele, porque eu preciso que ele diga o que eu tenho de bom pra eu saber que eu tenho alguma coisa de bom? eu achei que sabia o que eu tava fazendo, um amor lindo e secreto, todo mundo contra por pura inveja, por que eu pensei que podia confiar nele? quanto tempo leva pra gente conhecer de verdade uma pessoa?

As outras se aproximam, aos poucos, e dão apoio, de algum jeito. De tempos em tempos, Marina olha para a cena, pois sabe que sua entrada está próxima.

MARINA – por que esse aperto no peito, por que ele não vai me procurar, vai continuar não respondendo as mensagens, não importa o tanto que eu queira ele não quer, era só uma história que ele tava contando pra ele, por que ele se dá esse direito? por que ele acha que é melhor do que eu? ele decidiu quando começar e decidiu quando acabar pra sempre, e eu nunca escolhi porque ele nunca me ouviu, porque a noção de tempo vai embora quando a gente se

apaixona? porque ninguém me disse que ia ser assim tão difícil, porque eu nunca contei pra ninguém, porque eu não tenho amigas aqui, as de fora achavam que ele era maravilhoso pelo jeito que eu contei, tem milhões de versões, cada uma é diferente da outra, como eu ia contar a verdade pra elas? não parece enredo de romance? mas não é isso... quantas vezes você riu de uma coisa que te magoou pra fingir que não tava nem aí? milhões de versões, porque a verdadeira doía demais, é a minha última cena, eu odeio fazer, eu vivo tudo de novo, todo ensaio, toda vez, todo dia, o cheiro dele, um fantasma que me persegue, eu não consigo me concentrar por causa desse barulho todo aqui dentro, as coisas que eu inventei, quando os sonhos vão embora o que que a gente faz, por que tudo mudou tanto? eu era uma criança e sonhava com a glória, e agora? você se lembra, Cóstia, você se lembra? eu preciso de alguém que me ame na luz do dia, ele ria de todos os meus sonhos e aos poucos eu também fui deixando de acreditar, e perdi a coragem, eu tô em cena e ele tá me dando nota, esperando eu provar que mereço ter sido escolhida, eu não quero mais ser escolhida, eu quero escolher, eu quero sair correndo daqui, você é a última vez que eu faço isso comigo, eu não quero voltar pra cá nunca mais, quantas vezes você já fingiu que não tava sentindo nada até se convencer disso? eu quero que essa cortina feche e essa parte da minha vida feche junto com ela.

Tudo que eu mais queria era nunca ter precisado contar essa história.

TREPLEV – Nina, Nina, é você?

Marina deveria entrar em cena, mas está paralisada. Ninguém sabe o que fazer.

TREPLEV – Nina, Nina,! Ah, minha querida, ela veio.

Num impulso, Olga entra em cena no lugar de Marina. Começa a dizer o texto com confiança. É obvio que ensaiou aquele texto muitas vezes em casa.

TREPLEV – Nina? É você, Nina? Você mesma?

NINA (OLGA) – Toda noite eu sonho que você olha pra mim e não me reconhece.

TREPLEV – Não chora... não chora...!

Marina desaba na coxia. As outras se alternam entre ficar perto dela e filmar Olga em cena, estão completamente em choque com tudo.

TREPLEV – Não te amar está acima das minhas forças, Nina. Desde que eu te perdi, minha juventude desapareceu e eu tenho a impressão de já ter vivido uns oitenta anos. Fica aqui, Nina, eu te imploro que fique – ou então permita que eu vá com você!

MARINA – Desculpa. Desculpa.

Elas dão de ombros. Entregam a garrafinha pra ela. Ela bebe um gole.

MARINA – Que é isso?

LAURA – Vodka.

MARINA – Vocês trouxeram vodka pra peça?

GIOVANA, LAURA e EMMA – Peça russa.

Marina toma mais um gole.

NINA (OLGA) – Como era bom antigamente, Costia, você se lembra? Eu vivia alegre como uma criança, eu te amava e sonhava com a glória. E agora?

GIOVANA – Olha, alguns dias vão doer mais que os outros, mas no final vai ficar tudo bem.

NINA (OLGA) – Costia, agora eu compreendo que o essencial na nossa profissão não é a glória, nem a fama, nem nada daquilo com que eu sonhava, e sim saber aguentar com paciência... saber carregar a cruz e acreditar. Eu acredito, e já não sofro tanto; e quando penso em minha vocação, não tenho medo da vida.

Olga volta pra coxia. Todos estão espantados, se reúnem em volta dela.

OLGA – Eu tinha ensaiado essa cena pro teste, mas não tive coragem.

LAURA – Caraca, você foi maravilhosa!

OLGA – Não sei o que aconteceu...

EMMA – Você arrasou!

OLGA – Eu não parei pra pensar.

MARINA – Obrigada. *(abraça Olga)*

OLGA – Tudo bem, não foi nada. Tudo bem.

João entra pela esquerda, vindo do outro lado. Abraça Olga.

JOÃO – Foi incrível. Você foi incrível.

OLGA – Quando eu vi eu já tava lá...

JOÃO – Você é incrível.

OLGA – Obrigada. Obrigada.

João e Olga ficam abraçados por um momento. João sai correndo de novo pra vomitar. Olga não sabe o que fazer. Ri. Vitor volta para a coxia.

VITOR – Que que foi isso?

OLGA – *(ri)* Não sei. Não sei. *(ri cada vez mais)*

VITOR – Mano, que porra que virou essa peça? Olha o que vocês tão fazendo! Vocês não podem levar o negócio a sério, né? Vocês tão cagando com a peça inteira, a peça inteira, bando de trouxa.

EMMA – *(mesmo tom dos outros finais de filme)* “Após anos de terapia, Vitor entendeu que não precisava agir como machão idiota só porque na escola chamavam ele de viadinho. Hoje, ele tem amigos.”

Todas riem.

VITOR – Eu só não te bato porque você é mina.

EMMA – Ah, tá, que você vai me bater agora...

VITOR – Bem que você tá querendo.

EMMA – Você não bate nem punheta, Vitor...

VITOR – Vão se fuder vocês!

As meninas todas gargalham. Vitor sai atrás de João. Os próximos diálogos são confissões bêbadas e inconsistentes, entremeadas por risadas. Há um êxtase, uma adrenalina de fim de peça já no ar.

LAURA – Vocês viram a cara dele?

GIOVANA – Ridículo.

LAURA – Emma, você é foda!

EMMA – Não aguento mais esse merda achando que manda em mim. *(pega a garrafinha das mãos de Marina)*

LAURA – Eu amo você! *(abraça Emma)*

Tem uma coisa que eu quero dizer. Porque todo mundo está falando muito,
mas não está me ouvindo.

GIOVANA – Babaca, babaca pra cacete.

LAURA – *(abraçando Olga)* Eu amo você, Olga, sua cena foi maravilhosa.

EMMA – *(brinda com a vodka)* Para todos os caras que me interromperam pra falar exatamente o que eu tava falando, mas com outras palavras.

Giovana brinda com ela. Dão risada juntas. Giovana bebe mais um gole. Emma deita com a cara amassada na bancada do camarim.

OLGA – Você achou? Você gostou?

LAURA – Você foi muito foda... você é uma puta atriz foda pra caralho.

OLGA – Eu amo você também, Laura!

GIOVANA – *(rindo)* Quanta vodka vocês já beberam?

LAURA – Vodka esquenta. Vê aí, quantos graus tá em Moscou agora?

GIOVANA – *(rindo e olhando no celular)* Aqui não é Moscou de verdade.

EMMA – Eu tô cansada desse mundo de merda. Eu achava que as coisas tinham melhorado.

Se alguém vai saber da minha vida, então vai ser por mim.

LAURA – *(pegando a garrafa)* Quantos graus tá em Moscou agora?

Laura bebe um gole de vodka e passa a garrafa pra Marina.

EMMA – Eu achava que essas coisas iam parar de acontecer. Que a gente ia ter direito de ser quem a gente quisesse.

OLGA – Deve tá abaixo de zero.

EMMA – Quem que esqueceu aberta a porta pro passado?

GIOVANA – *(lendo do celular)* Menos cinco.

LAURA – Vixi, já congelou o lago e tudo.

EMMA – O tempo tá passando em círculos?

OLGA – Os cisnes morreram congelados.

GIOVANA – Caraca, lá ainda é outono e tá cinco graus abaixo de zero.

EMMA – Eu quero que se foda, eu vou ser quem eu sou, eu vou fazer o que eu quiser!

Quem vai escrever a minha história sou eu e ela vai ter o tamanho que eu acho
que ela tem que ter.

OLGA – As gaivotas todas congeladas.

GIOVANA – O sol foi embora as quatro da tarde.

LAURA – QUATRO DA TARDE!

Porque a verdade é que vai doer sempre.

GIOVANA – Tá escuro desde as quatro da tarde.

OLGA – Por isso que essa gente é triste.

GIOVANA – Mas a gente não tá em Moscou de verdade.

Faz parte de estar viva, doer.

OLGA – É uma gente triste e sozinha.

LAURA – E bêbada!

EMMA – Eu quero me apaixonar. Eu quero casar, de branco, numa festa cheia de gente. Eu quero véu, quero jogar o buquê. Quero alguém dizendo “pode beijar a noiva”. Aí eu vou lá e beijo.

A dor é a taxa por arriscar ser você mesma.

GIOVANA – A gente não tá em Moscou de verdade!

LAURA – Eu tô onde eu quiser, eu amo você, Giovana!!! *(Laura abraça Giovana, que não para de dar risada)*

EMMA – *(gritando, de longe)* Eu também amo!!!!

LAURA – Eu amo vocês! Eu sou fã de vocês!

Laura começa a dançar sozinha. Ela é ótima bailarina. Vitor volta meio que arrastando João pra cena.

VITOR – Anda, você precisa entrar, é a última.

LAURA – Eu sou fã de vocês todas!

Eu não vou ser uma boneca pra sempre guardada na caixa.

João cai de novo em um canto. Sabemos que ele não vai mais sair de lá.

VITOR – Putaquemepariu.

Vitor se irrita e larga João no chão. Olga vai até lá falar com ele.

JOÃO – Cadê o Tiago? O Tiago. Pede pra ele fazer a última cena, a última cena, alguém tem que entrar. Giovana, liga pro Tiago.

OLGA – Desencana, João.

EMMA – Ela já ligou oito vezes.

GIOVANA – E mandei dezessete mensagens.

A única escolha é se a gente vai deixar a dor paralisar a gente ou não.

JOÃO – Meu, tô muito fudido. Desculpa, desculpa, Olga, você me desculpa?

João abraça Olga.

OLGA – *(rindo muito)* Desculpo.

LAURA – Eu vou levar todas pra Hollywood junto comigo!

JOÃO – Desculpa, desculpa, eu não queria estragar a peça de vocês.

GIOVANA – Ele não colocou nada no stories.

JOÃO – Eu não ensaiei. Eu não sei fazer esse personagem.

GIOVANA – Nem viu nada do que eu postei.

EMMA – Ele tá bem, Gio!

GIOVANA – Eu sei que tá!

A dor é minha e eu faço o que quiser com ela.

Giovana senta junto de Emma. Laura continua dançando pela coxia toda.

LAURA – E a gente vai ter papéis de verdade, porque SIM!

EMMA – Ele tá bem, vai ficar tudo bem!

Vitor enfim desencana, faz gestos em direção ao palco, como que dizendo “dá um jeito aí, ele não vai entrar mais”. Meio inconformado.

LAURA – Eu quero só ver a vida ter a ousadia de não acontecer exatamente do jeito que eu tô imaginando!

Tem uma coisa que eu quero dizer.

Laura dançando tropeça nele. Ela meio cai no chão, ele pensa em xingar, mas resolve nem perder tempo com isso. Segue olhando o palco. Laura levanta e continua dançando enquanto cantarola a música tema de Lago dos Cisnes. João chora largado no chão. Olga continua abraçada com ele, rindo muito.

JOÃO – Olga, você me desculpa?

GIOVANA – *(ainda olhando no celular, lendo algo de um feed qualquer)* Nossa, você sabia que quando a gente nasce, a gente já tem dentro da gente todos os óvulos que a gente vai produzir ao longo da nossa vida inteira?

OLGA – Que louco!

GIOVANA – Quando a sua avó tava grávida da sua mãe, você na real já tava lá dentro, de boas, só esperando sua mãe nascer, crescer, trepar com o teu pai e engravidar de você.

OLGA – Você sabia que as estrelas que a gente vê hoje não existem mais?

GIOVANA – E se um dia você tiver filha, ela já tava lá dentro da sua mãe quando você ainda nem era gente, quando você era só uma montanhinha de células mal organizadas.

OLGA – O que a gente chama de estrelas é só a luz que essas estrelas soltaram milhões de anos atrás, a luz viajou esse tempo inteiro e só agora a gente consegue ver.

GIOVANA – Sério?

Porque todo mundo está falando muito, mas não está me ouvindo.

OLGA – A gente tá vendo estrelas que já morreram, Giovana. Porque a vida tá atrasada, é o delay da vida, entendeu?

GIOVANA – *(rindo)* Como assim?

OLGA – Tipo, já é quase inverno na Rússia, mas vai demorar meses pra ser inverno aqui. É tipo um fuso horário, só que da História, entendeu?

GIOVANA – *(rindo muito)* Que que você tá falando???

OLGA – A gente vê estrelas que não tão mais aqui, e a gente ouve os gritos que alguém deu cinquenta, cem anos atrás. E aí o que a gente grita hoje, as pessoas só vão ouvir daqui a muitos anos, entendeu? Só daqui a muitos anos, que as coisas que a gente tá esperando acontecer vão acontecer.

Tem uma coisa que eu quero dizer.

GIOVANA – *(rindo muito)* Entendi.

EMMA – *(rindo também)* Que viagem.

OLGA – E os nossos sonhos vão ficar esperando também. E um dia alguém vai pegar no ar tudo que a gente sonhou e vai fazer acontecer, você entendeu?

GIOVANA – *(rindo muito, tomando mais um gole de vodka)* Entendi. E até lá a gente fica só esperando?

EMMA – Olga, você é maravilhosa, Olga.

OLGA – A gente fica sonhando, que se a gente parar de sonhar hoje, daqui a duzentos anos não vai ter o que realizar, entendeu? Se a gente não gritar hoje, ninguém vai ter o que ouvir daqui a duzentos, trezentos anos.

GIOVANA – Eu entendi, tá tudo ligado.

OLGA – Porque se um dia as estrelas tivessem parado de soltar luz, hoje não ia ter estrela. Então a gente continua. Você entendeu?

Porque todo mundo está falando muito.

EMMA – Você é minha revolucionária preferida.

OLGA – Porque existir é perigoso, porque a gente não existe sozinho. Mesmo quando a gente acaba, algo da gente continua aqui, no ar, existindo. Por muito tempo.

EMMA – Viva a Olga, viva Moscou!!!

GIOVANA – Ele visualizou!

OLGA – O Tiago?

GIOVANA – Ele visualizou! Visualizou. Acabou de visualizar!

VITOR – Sério?

GIOVANA – Dois tracinhos azuis!!!

VITOR – Agora? Agora não adianta mais.

GIOVANA – Dois tracinhos azuis!!!

Giovana corre pela coxia, comemorando. Emma abraça Giovana e dá um beijo demorado na bochecha dela. Ficam abraçadas um tempo. Uma alegria contagiante toma conta de todos, como se por alguns instantes todos os

problemas pudessem ser esquecidos. Vitor dá um berro silencioso, celebrando o fim da apresentação. Marina fica sentada em uma das bancadas, segurando a garrafa de vodka e o que sobrou da gaivota. Ela assiste enquanto todos entram pra agradecer, carregando João, uma música alta está tocando.

MARINA – Tem uma coisa que eu quero dizer. Porque todo mundo está falando muito, mas não está me ouvindo.

Música de encerramento do espetáculo.

Blackout.

Aplausos.

Aos poucos, todos voltam, ainda celebrando, se abraçando. Então ela se decide. Levanta e entra em cena novamente, com passos firmes. Ninguém repara.

MARINA – Tem uma coisa que eu quero dizer. Porque todo mundo está falando muito, mas não está me ouvindo.

Todos se voltam pro palco, espantados. Alguém pega um celular pra gravar.

MARINA – Um tempo atrás você me disse que eu ainda era muito nova, que eu não sabia nada da vida, e que eu um dia eu ia entender que amores também acabam. Agora, tá na hora de você saber que os silêncios também. As vezes demora, mais do que deveria. Mas silêncios

também

tem

fim.